

FOLIA DE SANTOS REIS: UM PROCESSO SOCIAL DE APRENDIZAGEM¹

Cleumar de Oliveira Moreira² (UEG/GO)

Resumo

O presente artigo intitulado por “Folia de Santos Reis: um processo social de aprendizagem” tem como fulcro estudar a folia (manifestação religiosa) como manifestação cultural capaz de promover o saber, a instrução e garantir o encantamento do mundo. É através da tradição, da religiosidade, e, em específico, desta manifestação popular (culto ao sagrado) que se encastelam forças empíricas capazes de garantir disciplina, obediência e ordenação social. Desse modo, a Folia tem assumido papel importante, capaz de auxiliar na compreensão das formas de aprender, de ensinar, de interagir com o mundo, de compreender o homem (ser) enquanto sujeito da história, bem como as representações sociais. Nossa fundamentação teórica balizou-se em Adorno e Horkheimer (1985), Ghiraldelli Júnior (2006), Niskier (2007), Ribeiro (1985), Ortêncio (2004), e Pessoa (2009). Optamos pelo método dialético-dedutivo para analisar e comparar os estudos e/ou referenciais epistemológicos relativos ao nosso objeto de estudo. Lançamos mão, também, da observação (acompanhamento do giro da folia) como forma de compreender os conceitos e/ou categorias (cultura popular, cultura erudita, tradição, modernidade, educação - formal, não formal e informal -, ensino, aprendizagem) que estruturam nosso estudo, e, sobretudo, corroboram e validam a cultura popular como um processo social de aprendizagem. A expectativa é de que identifiquemos na Folia de Santos Reis as forças necessárias capazes de garantir o despertar da consciência e da corresponsabilidade social, cultural, política do homem perante o mundo orgânico em que está inserido. Assim, diagnosticaremos a essência da Folia de Santos Reis nessa sociedade periférica, um recorte localizado na região metropolitana de Goiânia, já “embebida” pelos impactos do “novo”.

Palavras-chave: Folia. Tradição. Educação formal. Aprendizagem. Encantamento. Cultura.

Introdução

O presente texto intitulado “Folia de Santos Reis: um processo social de aprendizagem” tem como proposta estudar a folia como uma instituição capaz de promover o saber, a instrução e garantir o encantamento do mundo.

Para tal, a cidade de Inhumas-GO serviu de recorte espacial para nossa investigação, sobretudo a Associação dos Devotos de Santos Reis, uma instituição fundada em 2003 e que é composta por foliões (considerados pioneiros desta “escola”) do município. Assim, esta tem

¹ Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

² Cleumar de Oliveira MOREIRA é graduado e mestre em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG); professor titular da Universidade Estadual de Goiás (Câmpus Inhumas); é professor titular da Faculdade de Anicuns. Email: cleumardeoliveira@gmail.com.

garantido a manutenção da tradição religiosa na região metropolitana de Goiânia (periferia da metrópole), preservando a cultura e os valores populares, tanto em Inhumas quanto em Goiás.

A motivação de nossa pesquisa está intimamente ligada ao nosso sentimento de infância, uma época marcada pela rigidez na aplicação da disciplina, pelo respeito e contemplação ao sagrado, pela ordenação de reverenciar aos mais velhos; pela tipologia lúdica, pelos gestos, olhares e respirações paternas que puniam; enfim, pelo conjunto de ações e comportamentos familiares que garantia aprendizagem, ordem e formação do sujeito. Nesse caso, a Folia de Santos Reis, mesmo apresentando natureza sócio-cultural *sui generis*, assim como a Família, foi/é capaz dar sentido e significado ao mundo.

Desse modo, a Folia de Santos Reis, enquanto fruto da subjetividade humana e dotada de sacralidade, tem garantido ordenação para a vida social? Ela é capaz de exercer papel pedagógico? A Folia é/foi capaz de garantir o encantamento do imaginário social rural nos espaços urbanos? Por fim, a Folia é de fato um processo coletivo de aprendizagem. Estas são algumas das inquietações que buscaremos responder ao longo desse texto.

O referencial epistemológico de nosso diálogo fundamentar-se-á em Adorno e Horkheimer (1985), Ghiraldelli Júnior (2006), Niskier (2007), Ribeiro (1985), Ortêncio (2004), e Pessoa (2009).

É nesse ínterim que categorias como cultura, educação, saber, tradição, modernidade, memória e sentido ganham expressividade. São conceitos que aparecem nas produções etnológicas e antropológicas e que acabam assumindo a função de “cimento social”, ou seja, de axiomas que dão sentido à realidade. Portanto, o que se pretende, também, é corroborar a hipótese de que essa manifestação folclórica é capaz de instruir, ensinar, re-ordenar e re-encantar o mundo social.

Usamos do método dialético-dedutivo, estudando, analisando, comparando e buscando identificar conceitos, movimentos, ações e dinâmicas, presentes na parca produção epistemológica existente. Outro recurso utilizado foi a observação da Folia (no ano de 2016) a partir do “giro”, dos rituais, da prática cultural, das manifestações pedagógicas e da força de sua sacralidade.

Assim, espero que este objeto abra uma nova frente de estudos na UEG-Câmpus Inhumas (formação de grupos, núcleos e linhas de pesquisa), cujo fulcro é, a partir da interdisciplinaridade, aproximar a Pedagogia da Etnologia e Antropologia Cultural. Outrossim, faz-se necessário descobrir outras vias de pesquisa que sejam capazes de subsidiar novas leituras sobre a formação do sujeito, a partir das educações formal, não formal e informal.

Este artigo apresentará discussões que, acreditamos serem fulcrais para compreender a folia enquanto processo social de aprendizagem. Desse modo, serão investigadas a sacralidade da folia e a ordenação para a vida; o papel pedagógico da Folia; a folia enquanto manifestação capaz de encantar o imaginário rural nos espaços urbanos; e a folia enquanto processo coletivo de aprendizagem.

Rompendo paradigmas: sacralidade e encantamento da “folia”

O século XX estabeleceu rupturas que quebraram paradigmas, reordenando a produção historiográfica nos países de cultura ocidental. As produções marxistas, estruturalistas, positivistas (...) cederam espaços epistemológicos para a nova história, para a história cultural (das mentalidades), uma corrente de estudos demiurga da Escola dos Annales. A chamada “nova Escola” passou a orquestrar novas abordagens, a priorizar novas temáticas e a dar maior importância aos sem importância, aos inaudíveis, aos despercebidos pela história “oficiosa”.

Consciente de que a temática “educação e folia” é uma novidade nos “centros de formação de professores”, o artigo em tela tratará da manifestação como um processo social de aprendizagem. Assim, a proposta é lançar mão da interdisciplinaridade como forma de compreender a folia como uma “escola” capaz de encantar o mundo, de sacralizar imaginários e de promover o ensino e a aprendizagem.

Essas inquietações surgiram e com elas o desejo de revelar o novo, ou seja, de romper com o ineditismo. Na condição de professor de História da Educação e de Sociologia da Educação, no curso de Pedagogia na UEG-Câmpus Inhumas, senti a necessidade de trabalhar a Folia de Santos Reis como manifestação religiosa popular capaz de preservar a tradição, a perenidade da memória e de ordenar a vida de sujeitos (comprometidos com sua origem e com o ordenamento familiar e social) através da oralidade (orações, musicalidade, canto, rimas, poesias). A Folia, então, assume função de escola.

Em se tratando de encantamento e sacralidade Adorno e Horkheimer (1985) compreendem a Folia como uma manifestação popular que dialoga com a tradição e com a modernidade.

Partindo do princípio de que a Folia de Santos Reis é uma construção histórica, fruto de consciência coletiva e da subjetividade humana, ela é síntese de tradição em Inhumas-GO. Para Adorno e Horkheimer (1985) os conceitos de tradição e modernidade estão associados à ideia de “encantamento e desencantamento do mundo”. O encantamento é a força capaz de

cristalizar valores, hábitos, comportamentos, a fé, as rotinas e os costumes dos/nos sujeitos. Paradoxalmente, o desencantamento é a força capaz de dessacralizar o mundo, ou seja, de desumanizar os sujeitos.

A Folia de Santos Reis é manifestação folclórica símbolo de resistência à objetivação do homem. É a fronteira sinestésica de enfrentamento à miséria (coisificação do sujeito) que provoca a perda do halo e de identidade humana. A modernidade, representada pelo movimento conurbativo das grandes metrópoles, não foi capaz de dissipar o “bem estar” cultural das coletividades inauditas; segmentos sociais que foram, coercitivamente, conduzidos pela “onda urbanizadora” (força oriunda do capitalismo que objetivava atender as necessidades burguesas) para os extremos dos grandes centros. E, para variar, é na periferia, no interior, e/ou na vida “rurbana” que a tradição pulsa. A periferia pode ser considerada o “*bunker*” da cultura popular, a “guardiã” da tradição nas grandes metrópoles.

Partindo dessa concepção é importante considerar os aspectos culturais e as experiências cotidianas dos indivíduos que pertencem a comunidade local. Desse modo, as diferentes manifestações culturais, tanto as de fundamentação formal, não-formal e informal, são indispensáveis para a formação do sujeito. As antigas resistências em conceber a produção cultural das esferas sociais populares e/ou consideradas periféricas foram rompidas. Atualmente, os estudos acadêmicos têm-se debruçado sobre a história das festividades populares, dos ritos e das cerimônias religiosas, do canto e da musicalidade, da alimentação e do trato à saúde, ou seja, da “cultura popular”.

Assim como Pessoa (2009), acreditamos que a Folia é de fato uma escola. É uma instituição dominada pelo sagrado. O rito, as atividades, os ensinamentos, em fim, suas rotinas são ordenadas por forças supramundanas. A Festa é fruto do catolicismo popular que por sua vez está afiliada ao catolicismo oficial. A folia dispensa a presença do sacerdote (aquele que tem a investidura oficial de ser guardião do conhecimento religioso e de deter o monopólio do conhecimento sagrado), e não segue uma literatura sacra, porém, seus rituais, cerimônias e práxis são tanto mágicas quanto pedagógicas.

As estruturas da Folia (visão total da folia) são mágicas (bandeira, instrumentos, máscaras, indumentárias dos palhaços; arco, altar, banquete, canto, entre outros). Acredita-se que os instrumentos, os palhaços (bastiões) e os embaixadores são dotados de poderes vaticinantes. Estes sujeitos e objetos levam consigo poderes que são capazes de promoverem curas, prosperidade e de revigorar a fé. Cada palavra proferida pelo embaixador tem força ressignificadora. Através de seu “canto” (anúncio sagrado), bem como dos demais foliões (quando estes reverberam a voz o embaixador), a confirmação da graça torna-se fato concreto.

O som dos instrumentos (sanfona, viola, violão, pandeiro, reco-reco), sobretudo aquele proveniente da batida austera na caixa, corrobora e confirma a profecia ora anunciada.

A folia é uma escola que valora seus aprendizes. Todos são iguais e tem o mesmo valor perante a organização. A folia rompe paradigmas e apresenta uma nova forma de aprender e de ensinar, balizada na instrução informal. Todos os elementos que se seguem têm influência sinestésica e compõem o universo didático da folia: o colorido das fitas, nas roupas, nas máscaras e na alegria pitoresca dos palhaços, na simplicidade e nos enigmáticos arcos, nos efêmeros presentes e/ou esmolos, nas batidas fortes sobre a caixa e o som forte sobre os ouvidos, no vibras de cordas, o sabor da comida, as orações dialeticamente abreviadas, e no deslocamento do ar sobrecarregado de musicalidade, sabor e magia.

Práticas educativas: o saber festar

Para Ghiraldelli Jr, a escola é lugar de aprendizado. É o espaço em que se aprende metodicamente e ludicamente. Instrução e lazer são características próprias desses ambientes. A escola é “um local diferenciado que abriga pessoas que o nosso tempo considera especiais, ou seja, as crianças e os jovens” (GHIRLALDELLI JR, 2006, p.13)

Segundo Niskier (2007) o surgimento da instituição Escola é contemporâneo com o surgimento do sentimento de infância. A presença da Escola, de essência burguesa, pode ser notada na Europa, na transição do século XV para o XVI. Contudo, essa informação não desconsidera que, antes do recorte cronológico em tela, não existissem espaços com características específicas de ensino e instrução nos “mundos antigo-clássico e medieval”.

A ruptura do paradigma homúnculo e o despertar da família para a infância fez com que surgissem espaços específicos para o exercício do ensino. A criança foi separada do ambiente adulto; surgiram locais planejados para o acolhimento infantil; e a infância provocou uma revolução no campo da moda, da literatura, da música e do lúdico (criação de brincadeiras e brinquedos).

Na perspectiva de Niskier (2007), o processo de ensino-aprendizagem acontece em instituições educacionais formais e não formais. A educação formal acontece em instituições como Escola e Igreja, enquanto que a educação não-formal é processada em instituições como a família, Estado, televisão e por outros meios de comunicação (rádio, jornal, entre outros).

Cotejando o olhar de Niskier (2007) sobre o papel da família no processo de educação de seus dependentes, temos subsídios suficientes para sustentar nossa hipótese de que a Folia,

também, é uma instituição educacional não-formal. Assim como a família, a folia é capaz de ajustar a criança no ambiente físico e social. O método mimético de aprendizagem, que é característico tanto nas sociedades difusas quanto nas sociedades modernas (aculturação infantil), também pode ser notado na folia. O mimetismo é condição indispensável para preservar e manter encantados seus rituais e sua perenidade.

Por outro lado para Gohn (1999) a folia enquanto educação de cunho não-formal precisa ser mais bem contextualizada. Segundo a autora há diferença entre educação não-formal e educação informal, no nosso caso a folia seria de cunho informal.

Para Gohn (apud PESSOA, 1999, p.10)

Na educação não formal existe uma intencionalidade de dados sujeitos de buscar determinadas qualidades e/ou objetivos. A educação informal decorre de processos espontâneos ou naturais, ainda que seja carregada de valores e representações (educação familiar).

Desse modo, o ensino informal imputado à folia dá-se através da relação entre os sujeitos, pela transmissão de experiências, pela produção de sentido, pelo respeito aos mais jovens e vice-versa, pela organização e codificação espontânea de rituais, pela sobrevivência garantida pela partilha.

A Folia é transformada numa grande escola, espaço em que a criança internaliza fé, devoção, disciplina, habilidades de exercício do canto e do tocar os instrumentos. De forma mimética o sujeito em tenra idade dá seus primeiros passos no ritual. Na folia elas aprendem tolerância, respeito, gratidão, honra ao sagrado e a família, preservação das tradições e dos valores. A folia ensina a arte de viver e compreender a luta paradoxal entre a tradição e a modernidade.

Ao observar as crianças que são inseridas na Folia de Santos Reis³, percebemos que elas foram capazes de internalizar rituais, cerimônias, protocolos e credos, e isso acontece em razão do temor e da fé que elas têm frente ao sagrado. Esse encantamento é capaz de inserir a criança em diferentes espaços, disciplinando, ordenando, moralizando e imputando responsabilidades frente à realidade.

A seguir trataremos a Folia enquanto manifestação que garante encantamento do imaginário rural nos espaços urbanos.

³ Aqui destacamos a Folia de Santos Reis de Inhumas-GO, uma manifestação popular que comemora mais de 80 (oitenta) anos de existência e que, desde 2003, está institucionalizada na “Associação Devotos de Santos Reis de Inhumas”.

“Viva Santos Reis”: ressacralizando a tradição

Partindo do princípio de que as manifestações populares, em específico a Folia de Santos Reis, tem suas raízes no universo rural, apresentaremos de forma breve o cenário da festa frente aos processos de modernização e conurbação.

Segundo Pessoa (2009), a Folia de Reis tem sofrido intensos golpes que tem provocado sua descaracterização, esses golpes têm como fonte a modernidade. Então, essa manifestação popular de cunho camponesa tem apresentado considerável baixa (diminuição do quadro de foliões, foliões antigos, desinteresse social pela cultura popular, diminuição do número de devotos, movimentos pentecostais e neo-pentecostais crescentes; desvalorização do sagrado; entre outros).

Segundo Pessoa (2009) a folia tem buscado alternativas que têm garantido sua sobrevivência e a ruptura com a força da modernidade. Enquanto formas de resistência, o autor pontua novas dinâmicas: a) o aumento considerável de estudos de folcloristas; b) realização de encontros regionais de folclore e de cultura popular (ação que promove a reprodução dos rituais que constituem o campo de práticas educativas), fortalecendo a tradição; c) surgimento do parafolclorismo como viés (mesmo que distorcido) de sobrevivência das manifestações populares; d) aproximação da folia frente às instituições formais de ensino (escolas e universidades), como tentativa de redespertar o interesse de jovens e adultos para a cultura popular, bem como para o reencantamento do mundo.

Quando afirmamos que a folia é uma escola que simboliza a resistência frente a objetivação do homem, isso é fato. As alternativas de sobrevivência adotadas pela folia e que foram apontadas por Pessoa (2009), revelam a força da tradição. A modernidade, o capitalismo e o processo conurbativo das grandes metrópoles não foram fortes o suficiente para diluir o halo sobre as cabeças de homens simples e dotados de fé. Não restam dúvidas, pois é na periferia (entorno das metrópoles e regiões interioranas) que pulsa a essência da ruralidade, ou seja, o sagrado. Por isso é que afirmamos que esses espaços, os periféricos, são “*bunkers*” da cultura popular, núcleos de encantamento.

As rotinas oriundas do campo são preservadas nos espaços urbanos pela Folia. A folia é capaz dar sentido à vida de indivíduos, famílias, comunidades e populações. Os sujeitos, frente a Santos Reis não precisam demonstrar luxo, riqueza, vaidade e suntuosidade. Ele oferta aquilo que está ao seu alcance. Podemos recorrer ao paradoxal “banquete” que é doado em forma de almoços ou pousos para Santos Reis. A oferta reconstrói tanto o vivido quanto os sabores da ruralidade. O banquete revela a rotina de sobrevivência do devoto que vive na

urbe, más que tens suas raízes fincadas no campo. O cardápio reproduz a “marmitta camponesa”, composta pelo macarrão com batata cozinha, arroz, feijão, almôndega, polenta, carne de lata, costela de vaca cozida e alface com tomate; para auxiliar a digestão, suco de limão. O cardápio torna-se uma manifestação de encantamento da cultura camponesa na cidade.

A folia torna-se uma festa que ressacraliza a vida, fortalecendo laços familiares, reaproximando a vizinhança; e retomando relações de compadrio e da empatia coletiva. A festa é tomada como um momento de aprendizagem, de reconstrução da fé e de libertação. A festa exorciza o cotidiano objetivado e expulsa as forças coisificadoras que reificam o sujeito.

É sob a lente da festa enquanto escola, que trataremos da folia como um processo coletivo de aprendizagem.

Saber fazer, saber aprender

De acordo com Pessoa (2009), o primeiro pesquisador-antropólogo-folclorista que tratou da folia como instituição que promove aprendizagem foi Carlos Rodrigues Brandão. Brandão (1989) desenvolveu, então, a concepção de que a folia é um processo social de aprendizagem. O autor afirma que “o que aconteceu com a folia de reis não tem nenhuma relação com o saber escolar, e nem com o saber não escolar, mas sim com processos sociais de aprendizagem (apud PESSOA, 2009, p.94).

A partir da concepção de Brandão (1989), cotejado por Pessoa (2009), o saber flui a partir do convívio entre as pessoas, através da socialização; o aprendizado dá-se através da observação e reprodução mecânica das ações e atividades observadas (repetição, cujo foco não é tentar fazer é, de fato, aprender); há compilação de atos, gestos, comportamentos, movimentos, hábitos. A aprendizagem é espontânea, não há método sistêmico para ensinar, sobretudo, não há tempo reservado para o ato de ensinar. A aprendizagem dá-se entre o “saber fazer” e o “saber aprender”.

O processo social (coletivo) de aprendizagem dá-se através da transferência de conhecimento. O esforço é alimentado pelo poder da observação que busca replicar movimentos válidos na coletividade. O comportamento mimético de quem aprende o ritual é garantia plena de sacralidade e encantamento da realidade.

No processo social de aprendizagem, o conhecimento é transmitido através dos sentidos, através dos rituais; bem como através da tomada de consciência do sujeito (devoto, folião, aprendiz) perante a vontade teológica. Desse modo, o giro da folia, a intervenção

mágica em cada residência (postos de acolhida e/ou espaços de descanso dos reis santos), os ritos cumpridos, são formas de ensino-aprendizagem.

Na folia-escola, o aprendiz, o observador é instruído espontaneamente. A folia cria espaços de múltiplas situações de aprendizagem. O embaixador e/ou capitão assume o papel de mestre-escola, e torna-se preceptor da folia (conhecedor inconsciente da doutrina sacra do ensino). O mestre-folião conhece as estruturas nevrálgicas da folia, seus ritos e encantos. Assume papel de guardião do saber religioso. Sua missão é transferir o conhecimento (geracional) a um filho um parente mais próximo.

Na Folia de Santos Reis de Inhumas, a importância e o papel do embaixador-mestre são idênticos ao contexto apresentado. Outro aspecto recorrente envolve a figura do bastião e/ou palhaço. Este é concebido como o guardião do Menino Jesus, é o único personagem da folia que pode passar à frente da bandeira; é a ponte de contato entre a folia e o dono da casa (patrão); é sábio, desenrolado e conhecedor da tradição. Lançar mão da máscara e da farda é assumir grande responsabilidade frente ao sagrado; pois neles estão sinergicamente pulsando a fé viva de um povo.

Por fim todos os membros da folia aprendem a respeitar o código da folia, seus princípios, as regras (trato com o instrumento, trajeto do giro da folia, sobriedade frente ao altar). Assim se faz folia, se aprende na folia e garante sua perenidade na coletividade. Deste modo, cotejando Brandão (1989) e Pessoa (2009), a folia é uma escola, uma instituição não formal de ensino que se aprende pela informalidade, ou seja, através de processos sociais de aprendizagem.

Considerações finais

O contexto apresentado, sobrecarregado de senso-comum, é indispensável para compreendermos a evolução da prática pedagógica oficial. As relações empíricas e epistemológicas no processo de construção do saber no sujeito diversificaram. A formação do cidadão não acontece exclusivamente em instituições educacionais formais. Pelo contrário, os equipamentos educacionais (creches, CMIS, escolas, colégios, faculdades, universidades) não conseguem desenvolver políticas de capacitação e de transformação totais do sujeito apenas por meio do conhecimento racional. Acreditamos que a cultura popular é imprescindível neste processo, e, sobretudo, é capaz de cumprir satisfatoriamente este papel. O sujeito encantado pela tradição, quando é inserido no mundo das letras, e não se permite desnudar de seu

patrimônio cultural, estará pronto para os desafios que mundo moderno (ou o materialismo marxista, quem sabe a frieza adorniana) lhe apresentar.

Ante o exposto, percebemos que a Folia de Santos Reis é uma manifestação folclórica, guardiã da tradição e que tem assegurado o “encantamento na periferia”, ou seja, nas regiões limítrofes da metrópole, nas municipalidades e no mundo rural.

A “folia escola” altera o comportamento social pré-determinado na sociedade do capital. Ela é capaz de dar novo sentido à vida orgânica de uma comunidade. A folia instrui, ensina, prepara, ordena, disciplina e prepara os jovens para o convívio em sociedade.

De fato a folia cumpre seu papel pedagógico. É uma instituição que promove saber através do método informal (observação), de forma espontânea, mimeticamente falando, corroborando a tese de que a mimese não é método de ensino único e exclusivo em comunidades de cultura difusa.

É nesse ínterim que a Folia de Santos Reis se insere. Uma “escola” que usa como método pedagógico hábitos simples que se tornaram virtudes como: fé, disciplina, temor, respeito, empatia, tolerância, carisma, cooperatividade, preocupação com o semelhante, consciência de coletividade e zelo com a memória coletiva.

Enfim, na periferia ainda pulsam rotinas, hábitos e costumes que demonstram ser capazes de resistir aos processos de reificação e fetichização impostas ao mundo orgânico, pelo capital. Na Folia de Santos Reis não há espaço para a individualização do sujeito, pois tudo é pura subjetividade humana, e, sobretudo, é fruto da consciência coletiva, ou seja, o conhecimento é fruto de processos sociais de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A folia de reis em Mossamedes**: etnografia de um ritual camponês. In: Revista Goiana de Artes, v.4: 1-58, jan/jun, 1983.

GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. **História da educação brasileira**. São Paulo: Cortez, 2006.

MOREIRA, Cleumar de Oliveira; SILVA, Edson Pereira da. **Manual para apresentação de trabalhos acadêmicos**. 4. ed. Goiânia: Kelps, 2015

NISKIER, Arnaldo. **Filosofia da educação**: uma visão crítica. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

ORTECIO, Bariani. **Cartilha do folclore brasileiro**. 2. ed. Goiânia: UFG, 2004.

PESSOA, Jadir de Moraes. **Saberes em festa**: gestos de ensinar e aprender na cultura popular. 2. ed. Goiânia: UEG/Kelps, 2009.